

*Envolvendo estudantes e professores, na Beira*

# Há “barulho” na Universidade Católica de Moçambique

*Savana  
16/2/01*

Por Adelino Timóteo

Uma nova crise académica acaba de emergir na Universidade Católica de Moçambique (UCM), na Beira. Estão em causa duas questões: imbróglia reinante entre discentes do curso de Economia e Gestão, excluídos nos exames do segundo ano de estatística, e expulsão de pouco mais de 30 estudantes do ciclo propedéutico (ano zero), alegadamente por não cumprimento, por parte destes últimos, dos prazos estabelecidos pela instituição para a entrega de certificados ou notas informativas comprovando a conclusão do nível médio, concretamente das cadeiras de Matemática e História.

A primeira questão relacionada com a exclusão daqueles discentes de economia e gestão, em número de 13, surgiu após a reprovação dos visados na disciplina de Estatística. Mas a divergência começou quando a UCM, provavelmente à luz do regulamento, decidiu que os mesmos não podiam recorrer à nova prova daquela cadeira (Estatística).

De acordo com alguns estudantes revoltosos, da Economia e Gestão, que preferiram o anonimato por temerem eventuais retaliações, há uma atitude deliberada da parte do docente de Estatística em conceder-lhes uma nova oportunidade para a recorrência, como por norma era prática naquele estabelecimento de ensino superior. “Nos anos

anteriores, aos excluídos era dada a oportunidade de recorrer nas disciplinas com notas fracas, mas agora fomos pura e simplesmente excluídos, pois esta possibilidade foi pura e simplesmente recusou. Em contrapartida, a outro grupo de nossos colegas, com notas que vão de seis a sete valores, foi concedida a oportunidade de realizarem novo exame”.

Para contornar esta situação, eles contactaram a reitoria, que “os informou que estavam, de facto, e sem recurso, reprovados na disciplina de Estatística, leccionada pelo professor Silvestre, que recusa submeter-nos a nova prestação de exame. Ele sempre nos tratou mal, ao ponto de humilhar-nos, por arrogância. Este é o seu primeiro ano”. Estas são atitudes que contrastam com os princípios daquele estabelecimento de ensino, de raiz religiosa.

Porque é que não se aplicaram para transitarem de classe? — questionámos, tendo eles respondido que, contrariamente aos aprovados, “nós fomos os que mais nos aplicámos ao longo do ano”. Acrescentaram que têm provas, sem no entanto apresentá-las.

É por este “grande paradoxo” que, descontentes, alguns discentes preferiram não voltar a pôr mais os pés na escola, enquanto outros “pediram o reembolso do dinheiro pago a quando

das matrículas, o que a reitoria recusou, alegadamente porque o que está pago está pago, não há retorno nenhum. É claro que não devíamos exigir o retorno dos fundos, mas com a injustiça por que passámos, achamos que é a solução ideal para que haja equilíbrio, pois não podemos sofrer, carregando dois pesos”.

Outro professor que não escapou às críticas dos discentes é o director da Faculdade de Economia e Gestão, Prof. Doutor Fritz Kaufmann, o qual é acusado de implementação de “novo” regulamento que proíbe o direito à recorrência, por parte dos visados. “É este que manda na UCM, pois o reitor não tem pulso”, remataram os estudantes.

Entretanto, sobre esta questão, o SAVANA tentou abordar o professor acusado, Silvestre, mas quando o procurámos na noite da 4ª feira, na UCM, o director pedagógico, Inácio da Graça Siyawadya, que nos informou da sua ausência (porque o visado apenas lecciona no curso diurno), encarregou-se de responder por ele, “pois é dos melhores professores que temos aqui, daí que tal reclamação é injusta. Os alunos, por hábito, quando chumbam, culpam o professor, e nós não podemos ir contra este”.

Quando chegámos àquele estabelecimento universitário, na referida noite, Kaufmann encontrava-se em pleno labor,

transmitindo conhecimentos aos estudantes nocturnos. Mas a propósito das acusações que recaem sobre o director da Faculdade de Economia e Gestão, o reitor da UCM, Filipe Couto, que minimizou a questão, afirmou que aquele é, de facto, director daquela faculdade. “Os discentes tentaram falar comigo, mas eu remeti-os a ele, porque não sou economista para mandar na Faculdade de Economia e Gestão”, disse, após ter-se comprometido a responder sobre o que toca a Fritz Kaufmann.

## UCM expulsa estudantes

Como referimos, o outro pomo de discórdia reinante na UCM relaciona-se com a expulsão de pouco mais de 30 discentes, que não apresentaram, até 5 de Fevereiro transacto, certificado de frequência da 12ª classe, com as disciplinas de História e Matemática (essenciais para a formação em Economia e Gestão) concluídas, embora, mercê de uma prorrogação para a data acima mencionada, tivessem sido alertados a fazê-lo a partir de 31 de Janeiro de 2001.

Conforme explicou o director pedagógico da UCM, Inácio Siyawadya, inicialmente 60 alunos tinham sido chamados a apresentar a referida documentação, e mais de 20 honraram os seus compromissos relativamente à exigência da instituição. Daquele número de 60, seis, que não es-

tão abrangidos pela medida, contactaram a UCM na passada sexta-feira, afirmando que não podiam apresentar o documento pedido porque aguardam os resultados da recorrência, na Escola Secundária e Pré-universitária Samora Machel, na Beira. “Outros, apesar de estarem na situação regular, ficaram pura e simplesmente no silêncio, daí a decisão de não poderem frequentar o segundo semestre do ano zero, estando a escola aberta a eles no próximo ano, caso apresentem tal documento. Aos que pagaram propinas a escola reembolsará o dinheiro equivalente”.

Perguntámos como é que foi aceite a matrícula dos visados, uma vez que eles não tinham concluído as mencionadas cadeiras que dão direito à frequência no curso de gestão, tendo Siyawadya dito que tudo baseou-se num acordo por escrito, em que os estudantes se comprometiam a concluir as cadeiras que tinham em falta (História e Matemática).

Então porquê tanto alarme? questionámos-lhe, tendo aquele responsável pedagógico respondido que “os alunos sempre gostam de fazer barulho, principalmente aqueles que, tendo reprovado nos exames de História e Matemática na Escola Samora Machel, e uma vez com aproveitamento fraco, não têm nada a perder”.

Acrescentou que, no rol das medidas tomadas pela UCM, aos

estudantes expulsos não será permitido o uso do equipamento informático e biblioteca pertencentes à instituição, não podendo os mesmos concorrer para exames, até que se matriculem de novo. Outra medida definida por aquele estabelecimento escolar é de, para os próximos anos, abolir o exercício de matrículas condicionadas, “para que casos do género não se repitam”.

Esta é a segunda polémica que ocorre publicamente na UCM, e o reitor Filipe Couto traçou a sua leitura afirmando que tudo é motivado pelo facto de os estudantes, ao se matricularem, terem a convicção de que atingirão o bacharelato e a licenciatura, não reparando, por isso, nos meios para atingir os fins propostos, daí a bulha como esta que se vive agora. Muitos pensam que este é o único caminho para ganhar dinheiro, quando até, por exemplo, um dirigente do Hotel Tivoli pode ganhar mais que um bacharel ou licenciado.

A ministra para o Ensino Superior e Tecnologia, Lídia Brito, de visita à UCM, na 4ª feira transacta, confrontou-se com este conflito, mas não tomou nenhuma decisão, o que, segundo a sua posição, a solução passaria por a “Escola Samora Machel” reconhecer as culpas. Aliás, este facto está fora de questão, porque a directora deste estabelecimento pré-universitário, Lina Portugal, já advertiu à imprensa que “nenhum estudante da Universidade Católica tinha apresentado alguma reclamação relativa à demora”, por parte da instituição que representa, na emissão daqueles documentos. ■